
NOTA INTRODUTÓRIA

Na seção FÓRUM deste número temos a honra de abrir a edição da Parte II do dossiê dedicado a Carlos Brandão com a tocante contribuição de Faustino Luis Couto Teixeira, grande referência nas áreas de Teologia e Ciência da Religião, em seu texto CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, VEREDAS DE GENEROSIDADE. Brandão e Faustino compartilharam dos mesmos temas de pesquisa e cultivaram uma bonita amizade ao longo de anos. O depoimento revela alguns desses momentos especiais, como as reuniões do Instituto de Estudos em Religião, sobretudo, do grupo de catolicismo, liderado pelo Prof. Dr. Pierre Sanchis. O encontro, do qual também participei, entre Brandão e seus amigos (de perto e de longe, como costumava dizer) foi realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e na Faixa de Gaia (granja na zona rural de Juiz de Fora, de propriedade do professor Faustino e sua família), em 2014. Bem como em e-mails trocados, poemas e ideias durante essa fase de despedida. Faustino ressalta em especial a capacidade de escuta e os aportes inovadores da obra de Brandão. Temos também o prazer de informar que esta seção é aberta a comentários e diálogos, que deverão ser enviados para os e-mails do professor Faustino, meu e da editora responsável, para serem incluídos em sequência no texto publicado à medida que chegarem:

Fautino Teixeira – e-mail: dutiguera@gmail.com

Flávia Ribeiro Amaro – e-mail: flavia.ramaro@gmail.com

Vani Terezinha de Rezende – e-mail: vanizen@gamil.com

Atenciosamente,

Flávia Ribeiro Amaro

Veja a seguir o ensaio de Faustino Teixeira

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, VEREDAS DE GENEROSIDADE

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, PATHS OF GENEROSITY

Faustino Teixeira^(*)

É com grande alegria que aceitei escrever um depoimento sobre esse amigo querido, Carlos Brandão, para o segundo volume do dossiê em sua homenagem, organizado por Flávia Amaro, Angela Fagna Gomes de Souza e Fernanda dos Santos Paulo a ser publicado na Revista Relicário, do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia. E agradecer em particular todo o carinho de minha sempre orientanda, Flávia Amaro, que vem se dedicando com tanto afinco à divulgação do trabalho e testemunho de Carlos Brandão nos campos da Antropologia e da Educação Popular.

Vou me concentrar aqui no trabalho de Brandão realizado no âmbito do catolicismo do povo, de sua religiosidade, e das inúmeras assessorias às pastorais populares do Brasil. Nós, que tivemos o privilégio de conhecer o testemunho de Brandão, somos gratificados por todos os frutos que ele foi deixando pelo caminho, com seu trabalho-militante, por sua gratuidade e, sobretudo, pelo entusiasmo que lidou com esse campo tão bonito e fértil da religião popular.

O meu primeiro contato com Brandão, aconteceu na época em que eu fazia o mestrado em teologia na PUC-RJ, sobre as Comunidades Eclesiais de Base no Brasil (CEBs). Isso foi no início da década de 1980. Na ocasião, tinha um contato muito próximo com o Instituto de Estudos da Religião, sobretudo o grupo de estudos do catolicismo, coordenado por Pierre Sanchis. A presença de Brandão no grupo foi sempre iluminadora, com seu humor singular, sua capacidade única de escuta e suas contribuições teóricas inovadoras. Lembro-me muito bem de um texto que ele publicou num dos três volumes dedicados ao catolicismo, organizado por Sanchis. O título do volume era: *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural* (São Paulo: Loyola,

^(*) IHU-Unisinos e Paz e Bem. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais), pesquisador do CNPq e consultor do ISER (Instituto de Estudos da Religião), organização laica.

1992). O artigo de Brandão, abordou o tema da “Crença e Identidade, campo religioso e mudança cultural”.

Como os dois trabalhávamos temas relacionados, havia uma sintonia fina em nossas reflexões. Nesse artigo de Brandão, há um momento em que ele menciona o seu trabalho de assessoria na Diocese de Goiás, cujo bispo era Dom Tomás Balduino, e ali ocorria uma das mais lindas experiências de CEBs no Brasil. Assim como Goiás, tínhamos as experiências fantásticas que ocorriam também em Crateús, Vitória, São Felix do Araguaia e Volta Redonda. Na ocasião, Brandão estava preocupado com a presença exígua da pastoral católica junto aos setores mais desguarnecidos da população. Mesmo considerando a atuação intensa dos agentes de pastoral na região, verificava-se que a presença do povo estava mais viva nos locais de vigência mais tradicional do catolicismo. Nesses locais, sim, havia uma resistência mais efetiva do catolicismo à crescente penetração dos núcleos pentecostais. Ou seja, Brandão chamava a atenção, com razão, para a importância de manter viva a “teia de símbolos e valores católicos tradicionais na cultura do campesinato local”. Daí sua defesa convicta dos valores do catolicismo do povo, que em casos concretos, vinha colocado à margem diante dos novos desafios da pastoral libertadora. Vale recordar aqui uma brilhante entrevista de Brandão, publicada na revista Sedoc (1980 – v. 12, fasc. 131), sobre religiosidade popular, onde essas preocupações vinham também expressas com clareza. E igualmente um texto precioso, publicado nos Cadernos do Iser: Memória do sagrado.

Num dos encontros do ISER, naqueles tempos inaugurais, fui apresentado por ele com o livro *Os deuses do povo* (Brasiliense, 1980), que era parte de sua tese de doutorado, defendida na USP. Ali mencionava logo no início, que o melhor caminho de acesso ao mundo da cultura popular era o estudo da religião. Encantava-me com sua perspectiva. Nessa obra, dedicava páginas singulares às falas de lideranças populares da região de Itapira (SP) e suas artimanhas de lidarem com o fenômeno religioso como salvaguarda da própria identidade. Quem não se lembra de sua fala poderosa sobre Dona Geralda, e seu potencial particular de lidar com as artimanhas da religião, bem como com os “miúdos recursos da fé” na composição do mapa do sagrado.

Essa paixão de Brandão pelo mundo popular já começou a se irradiar quando ele trabalhava num laboratório de psicologia da PUC-RJ onde estudava. Ele lembra de sua decisão fundamental em avançar pelos itinerários da pastoral popular, largando seu caminho até então traçado no mundo da psicologia. Ele diz na introdução de seu livro, *Sacerdotes de viola* (Vozes, 1981, p. 10):

Quando estava estudando na universidade, fui chamado um dia para trabalhar no Movimento de Educação de Base. Eu era então 'monitor' do Instituto de Psicologia Aplicada da Universidade Católica do Rio de Janeiro (...). Às vezes, por volta das cinco horas da tarde, eu estava atrás de uma mesa corrigindo uma pilha de testes com que as pessoas inventam se medir, e olhava para além da janela, em direção aos bosques da Universidade. E eu pensava que a vida estava lá fora, além dos bosques e da cidade. O trabalho no Movimento de Educação de Base (MEB) abriu portas e janelas de muitos mundos. De um dia para o outro, eu saí de uma sala de testes psicológicos para uma de 'animação popular'.

Já durante o seu período de estudante na PUC do Rio, Brandão militou na Juventude Universitária Católica, a JUC, onde se inscreveu em 1961. Atuou ali durante toda a sua vida acadêmica. Relata em texto que aborda sua biografia¹ que na JUC e no MEB viveu sua “mais forte e intensa experiência de pertencer a uma pequena e ativa comunidade cristã de fé (o crer pessoal), de crença (o crer comunitário de outras pessoas), de vida, destino e de militância”².

Essa experiência viva de fé pôde também verificar *in loco*, quando participou de uma longa pesquisa promovida pelo Centro Ecumênico de Documentação (CEDI) em parceria com a Diocese de Goiás. A pesquisa, que ficou conhecida como “A Igreja do Evangelho”, saiu publicada em vários caderninhos, com a abordagem dos vários aspectos sociológicos e religiosos da Diocese de Goiás. Brandão reconhece que foi ali em Goiás, junto com as comunidades populares, que pôde vivenciar “as únicas experiências completas e bem concluídas de pesquisa participante”³. Verificou também o que significa uma comunidade engajada num processo de libertação e com vocação “pan-ecumênica”. Lembra com alegria dos momentos bonitos vividos no então

¹ Carlos Rodrigues Brandão. Quem fomos nós? Quem somos agora? Sobre alguns silêncios e alguns assombros a respeito de territórios e caminhos interiores de fé e destino. *Numen*, Juiz de Fora, v. 17, n.1, p. 297-348.

² *Ibidem*, p. 314.

³ *Ibidem*, p. 316.

Mosteiro da Anunciação do Senhor, em Goiás, sob a direção do monge Marcelo Barros. Admirava as cerimônias rituais que contemplavam as várias tradições religiosas⁴.

O trabalho de Brandão, como antropólogo, foi marcado por ricas reflexões que descortinaram caminhos novidadeiros para a compreensão do mundo religioso popular, das Folias de Reis, das Danças de São Gonçalo, das Festas e Folias do Espírito Santo e dos Ciclos de São Benedito. Tudo isso registrado em diversos livros publicados ao longo de sua vida. Em razão de uma particularidade sua, a forma de se enveredar nesses campos do divino não se traduziu por estudos objetivos e desligados do tecido vital. Seus interlocutores estavam inseridos na tradição católica, como ele, e sua pesquisa deixou-se habitar por aquele mundo encantado. Brandão relata que muitas vezes orou e cantou com seus sujeitos de pesquisa. Ele sublinha que em casos concretos, deixou de lado os seus aparatos de pesquisa e, reverente, entrou com eles na dança do divino. Ele sublinha:

Um tanto mais distante de outros companheiros das Ciências Sociais, eu me sentia e identificava como alguém que pesquisa algo de um sistema de crença, culto e rito; de uma religião enfim, que desde a minha infância era também a 'minha' e em cujas verdades essenciais, eu também acreditava. Diante de um rústico altar de santos eu não me ajoelhava como um ator que representa 'ser como eles'⁵.

Em suas rotinas de pesquisa sobre as festas religiosas, não tinha horário definido. Dedicava-se horas, noites e madrugadas a acompanhar os festejos. Sublinha que em Goiás e, depois, em Minas e São Paulo, varou horas “caminhando, cantando, orando e comendo entre e com foliões de Santos Reis”, bem como entre “ternos de congos e de moçambiques em festas 'de santo de preto'”⁶.

Sempre foi um pesquisador entusiasmado e infatigável. Era tomado por uma paixão única pelo mundo popular e de sua experiência variegada do sagrado. Fazia todo o esforço para traduzir em linguagem o que eles de fato acreditavam, ainda que sabendo que nem todos leriam os resultados de seu trabalho. Em momentos peculiares de sua pesquisa viu-se diante de situações curiosas, como quando uma vez veio interrogado por

⁴ Ibidem, p. 320.

⁵ Ibidem, p. 310.

⁶ Ibidem, p. 311.

um capitão negro de congos, que o flagrou numa esquina gravando o ritual. Ele interrompeu o seu canto e gritou para Brandão sorrindo: “Eh, meu branco! Quem sabe dança. Quem não sabe, estuda”⁷.

Ao longo de sua trajetória de pesquisador, Brandão viveu momentos de interrogações religiosas. Tinha dificuldades particulares com certos rigores do mundo católico. Ele relata que uma vez foi a Goiás na casa de um amigo, Eliseu Lopes, então frade dominicano. Aproveitou a visita para elencar suas “pequenas questões de fé”. Eram dúvidas sobre alguns dogmas da igreja católica, como a virgindade de Maria, a sua assunção aos céus, a ressurreição da carne e a existência tenebrosa do inferno. Admirou-se com a resposta simples e curta do sacerdote: “Faz muito tempo que eu não penso em nada disso!”. Brandão então, perguntou a ele em que de fato acreditava. E a resposta veio em seguida, pontuada entre o evangelho e a fiel heresia: “Eu creio numa comunidade que crê, e que vive o que crê”. E foi o suficiente para Brandão, algo assim simples e direto, a fé do evangelho.

Entre idas e vindas, Brandão passou por momentos de crise, o que alias é muito sadio. A fé mais verdadeira vem sempre pontuada por uma pitada de agnosticismo. Ele relata em seu longo depoimento biográfico que foi pouco a pouco deixando pelo caminho o que seria uma “vida de igreja”. Mas logo corrige, dizendo que nunca “perdeu de todo” esse dinamismo de fé. Lembra que nas últimas décadas de vida, munido de seu entusiasmo por Teilhard de Chardin, passou a se interessar por uma religião mais cósmica, que sorvia também de amigos queridos como Leonardo Boff e Marcus Arruda. Ficou, assim, domiciliado numa experiência de fronteira, cativado cada vez mais por “um deus cósmico”, de presença universal.

Eu e Brandão estávamos em lugares diferentes, mas mantínhamos, na medida do possível, um contato por mensagens. De longe, eu acompanhava o impressionante ritmo das viagens de Brandão pelo Brasil. Tínhamos também em comum a paixão por Guimarães Rosa e o Grande Sertão: Veredas. Pude também descobrir o seu dom de poeta. Frequentemente mandava para mim poemas instigantes e inspirados. Recordo-me em particular de seu livro *Orar com o corpo*, de 2019 (Editora Verus), onde sinaliza em

⁷ Ibidem, p. 313.

versos os quarenta gestos para as horas do dia. Um deles, em particular, traduz de forma bonita o que é o Brandão:

Beber

Vê essa concha? São tuas mãos.

Aperta os dedos com jeito

mas que um pouco de água te escape. Antes de tomar dá de beber

a um grão do pó do chão, a um inseto

a uma folha seca, a um galho de canela

a um mito de outros povos, a um duende, a um fio do vento, a um ar do sol

a uma criança e a um velho.

E depois bebe.

O que sobrou é a tua parte.

Bebe.

No percurso bonito de nossa interlocução, convidei Brandão para dar um curso na Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, onde eu lecionava. Brandão aceitou com alegria o convite e sugeriu fazermos algo bem diferente: um curso onde os participantes pudessem refletir por uma semana a sua experiência de crença, as suas dúvidas e angústias com respeito ao mundo da fé ou da descrença. O curso aconteceu em 2014, e foi uma das mais lindas experiências que pude participar na Universidade. O curso terminou no meu sítio, Faixa de Gaia, com todos os presentes profundamente emocionados, descrevendo o resultado de suas meditações durante a semana. Brandão revelou para todos o grande mestre que é: o pedagogo que consegue fazer brotar das pessoas suas mais profundas convicções e dinâmica existencial.

Dali nasceu uma ideia entre nós dois, a de fazer um livro provocando os interlocutores, de várias inserções, a relatarem a sua experiência de fé. Convidamos teólogos, filósofos, cientistas da religião, artistas, religiosos, historiadores, literatos. Todos tinham que responder de forma breve, em torno de duas páginas, sobre um único tema: “Em que creio eu?”. As respostas foram chegando de toda parte, cada um trazendo o seu toque pessoal na reflexão sobre o tema. O trabalho resultou num livro bem interessante, com Brandão e eu na organização geral. O livro, *Em que creio eu*, foi publicado em 2017 pelas editoras Terceira Via e Fonte Editorial. No livro, Brandão

contribuiu com dois lindos testemunhos. Partilho aqui um trecho do segundo testemunho, que na verdade foi um credo:

Creio em um Ser a quem chamo 'Deus', 'Om' ou 'Pai, compreendendo que Ele está em todos os nomes e para além de todos eles. Creio em um Ser criador de tudo o que houve, há e haverá. Um ser que cria o que existe a cada momento e é parte e partilha tudo o que existe e se transforma [...]. Creio que espalhada por todo o mundo aqui na Terra, há uma mensagem universal de amor e chamado a criarmos uma Vida e um Mundo de comunhão no amor [...]. Creio que muitas comunidades de fé – também chamadas de igrejas – existiram e seguem existindo. Entre todas, escolhi crer na essência primordial das tradições e comunidades de fé que se uniram e seguem se unindo em comunhão com a vida e mensagem de Jesus Cristo.

Mantivemos vivo o nosso contato depois do belo encontro em Juiz de Fora e também do livro, que se irradiou com alegria entre muitos dos nossos amigos e outros. Mais tarde veio a doença de Brandão, e junto com ele, pude viver cada passo de sua experiência, e testemunhar a força e esperança com que Brandão viveu seu tempo derradeiro. Com suas cartas e mensagens dirigidas aos amigos, Brandão quis partilhar com todos cada passo de sua cerimônia de adeus.

Em 13 de maio de 2023, recebi de Brandão uma “amorosa coletânea” de poemas, que ele preparou com carinho e me encaminhou. Foi muita emoção. Depois recebi ainda outra mensagem em 12 de junho, reagindo a um artigo que eu tinha escrito sobre a morte e o morrer. Disse que foi a primeira coisa que leu depois de sair da UTI, e que tinha concordado com tudo. Fazia parte de nosso mútuo aprendizado. No mesmo dia, escreveu outro bilhete: “Faustino, gratidão. Dedico os momentos que posso para reler tudo o que puder de Teilhard de Chardin. Entre todos, é quem melhor me faz compreender o sentido da vida. E o da morte”.

Em minha última mensagem ao amigo querido, escrevi em 27 de junho de 2023:

Brandão, amigo querido

O seu poema sobre a morte, que li hoje, é de uma beleza ímpar, e de uma serenidade que só é concedida aos grandes mestres. Saber lidar com a “indesejada das gentes”, dessa forma, é sinal de grande maturidade. Eu e você temos em comum esse dado existencial de termos ou estarmos vivendo situações –limite que são mesmo sérias.

Com a ajuda de meu terapeuta, pude perceber que essas experiências-limite são “experiências cume”, para usar uma expressão clássica de Abraham Maslow. É uma experiência que nos faz vivenciar paisagens únicas, de altura e profundidade incomensuráveis. Olhar o mundo a partir de tais experiências vivenciais é descobrir facetas de uma singularidade única. Somos capazes de perceber, como disse Darwin, “infinitas formas de grande beleza”.

Você escolheu um ótimo companheiro de jornada para lidar com esse limite último, que é Teilhard de Chardin. Ele também tem me ajudado muito. A viagem interior com ele, fica bem mais calma, porque ao fundo ouvimos soar com vigor a voz de Jesus “Coragem, não tenhas medo!”.

Quando Teilhard aborda o tema da comunhão pela diminuição, no Meio Divino, ele nos ajuda a entender esse trabalho que ele faz de forma tão viva: Compreender que a diminuição da temperatura vital é fruto do Mistério que abre o nosso corpo e nos favorece beber na água mais límpida. O Divino que abre as fibras de nosso ser “para penetrar até as medulas” de nossa substância, de forma a favorecer o arrebatamento final.

Aprendi também, amigo, como o monge Tich Nhat Hanh, que fala da morte tratando o tema da nuvem. Por mais que se transforme e modifique, a nuvem jamais morre. Ela vai se transformar em outra coisa, mas vai permanecer. Nós também somos como a nuvem, que nunca se dispersa, mas apenas ganha feições nobres e diferenciadas. Não há nada que se transforme em nada, mas “algo” sempre permanece e continua a fazer história no tempo. Gosto de uma reflexão que faz Donna Haraway, quando diz que é um ser da lama e não do céu.

É o que nos recordou tão brilhantemente o papa Francisco na Laudato Si, logo no início quando fala que nós somos “terra”, constituídos pelos elementos do planeta. Da Terra viemos e para a Terra vamos, numa viagem linda que vai florescer de formas diversificadas como somos todos nós. O mesmo Tich Nhat Hanh nos lembra que “sem lama não há lótus”. Saibamos viver isso em profundidade.

Vejo, amigo querido, com cada vez mais clareza que não somos, definitivamente, diferentes de tudo o que nos rodeia. Na verdade, diz com propriedade o filósofo italiano Emmanuele Coccia, de que tenho gostado muito, “a morte é apenas o limiar de uma metamorfose”. Ele diz: “Todos os nossos átomos deram um corpo a milhares de vida antes da nossa – humanas, vegetais, bacterianas, virais, animais – e darão realidade a outras numa dança que nunca poderá ser interrompida”.

No dia 28 de junho, Brandão escreveu uma carta coletiva aos amigos, falando de seu estado geral. Tinha voltado de mais uma jornada no hospital, com dias na UTI. Falou de sua situação, aos 83 anos de idade. Travava uma difícil luta com a leucemia e tinha perdido 22 quilos. Apesar da fraqueza, mantinha acesa a chama da alegria, e manifestou gratidão por todo o cuidado recebido por aqueles que o cercavam. O momento agora era de muita leitura: apegou-se aos clássicos que tanto amava, com os temas da poesia, espiritualidade e antropologia. Teilhard de Chardin sempre na vanguarda de sua atenção: “Estou lendo toda a obra (ou quase) de Pierre Teilhard de Chardin, que me acompanha desde 1962”. Mantém também seu hábito de escrever. Impressionante! Sublinhou que enquanto estivesse vivo, com a mão e a cuca funcionando, seguiria firme com a sua sina. Ao final, sublinhou que a hora era para “juntar as palmas da mão” e agradecer a todos pelo carinho de sempre.

Um pouco depois, em 11 de julho de 2023, Brandão partiu para novos caminhos, dando continuidade à sua Travessia e integrando-se ao cosmos que ele tanto amava. Ficamos aqui um pouco órfãos, com sua partida, mas teimosamente permanecemos... Seguindo, porém, a dinâmica de entusiasmo que caracterizou a sua vida, continuamos aqui a nossa jornada, sempre teimosos e aos cuidados de Deus, irradiando com ternura e paz o testemunho que esse amigo querido deixou de herança.

(Recebido em outubro de 2024; aceito em outubro de 2024)